

índices quantitativos, e relacionado a valores qualitativos que lhe revelem o conteúdo. A simples apuração deles e a sua apresentação como definindo a essência do processo econômico pode servir, e vem servindo, a fins políticos, mas não merece maior consideração, nem é mais aceita pelos estudiosos como digna de reverência. O cálculo da renda nacional, por exemplo, e os seus índices mais usados — PNB e PIB — são encarados, hoje, com reservas, mesmo na área capitalista. Claro que em outras áreas, não apenas o método e o sistema de cálculos são outros, como sua essência, pois resulta da aceitação do fato elementar de que a sociedade se divide em classes, coisa que não acontece na área capitalista, onde o dado relativo ao homem é o de *população*, meramente demográfico. Mas, ainda assim, vem sendo contestada, em quase todos os países da área capitalista, a validade das contas nacionais que compõem o Produto Nacional Bruto (PNB), especialmente no setor de Serviços, acusado de não computar o trabalho das donas de casa e outras atividades.

Especialistas, e até políticos, já compreenderam a que desastre podem levar as ilusões que se escondem atrás da sigla PNB. Milhares de pessoas, diz um comentarista norte-americano especializado, “preferiam que o PNB, embora não crescendo tanto, fosse mais bem dividido e pudesse conservar o ar puro”. Outros, ante os altos índices do PNB, em confronto com as misérias da realidade, são mais cáusticos e revidam ao mito da “civilização do luxo”, que aqueles altos índices apregoam, com a tristeza de uma “civilização do lixo”, que é aquela em que vivem. Essas opiniões são importantes, sem dúvida, mas não revelam senão parte do descrédito que cerca, hoje, nos Estados Unidos, índices como o PNB. Arthur Burns, presidente da Junta da Reserva Federal, afirmou a esse respeito: “O Produto Nacional Bruto, que nos tem enganado todo esse tempo, é bem mais baixo do que se pensa”. Richard A. Falk, professor de Princeton, declarou, no Congresso: “Se os Estados Unidos estivessem na iminência de dobrar seu PNB, penso que haveria uma comunidade muito menos habitável que a de hoje”. Mais drástico foi o depoimento de Henry S. Reuss, representante do Wisconsin na Câmara: “À medida que o nosso PNB cresce, também cresce a corrupção nacional”. Mas foi, do ponto de vista dos economistas, o boletim mensal da Morgan Guaranty Trust Company, em junho de 1970, que mais arrasou a validade do valor do PNB como indicador da quantidade de bens e serviços produzidos por um país em